



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

DANIELE HONÓRIO BARROS

**REMITOLOGIZANDO O MITO DE LILITH A MULHER/DEMÔNIO NOS CONTOS
*LA LUNA E LA NOVIA BLANCA Y LA NOVIA NEGRA, DOS IRMÃOS GRIMM***

CAMPINA GRANDE – PB

2013

DANIELE HONÓRIO BARROS

**REMITOLOGIZANDO O MITO DE LILITH A MULHER/DEMÔNIO NOS CONTOS
*LA LUNA E LA NOVIA BLANCA Y LA NOVIA NEGRA, DOS IRMÃOS GRIMM***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Letras habilitação Língua Espanhola.

Orientador Prof. Esp. Rafael Francisco Braz

CAMPINA GRANDE – PB

2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL –
UEPB

B277r

Barros, Daniele Honório.

Remitologizando o mito de Lilith a mulher demônio nos contos La Luna e La novia blanca y La novia negra, dos irmãos Grimm [manuscrito] / Daniele Honório Barros. – 2013.

24 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras, com habilitação em Língua Espanhol) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2013.

“Orientação: Prof. Esp. Rafael Francisco Braz, Departamento de Letras”.

1. Língua Espanhola 2. Crítica Literária 3. Literatura
I.. Título.

21. ed. CDD 801.95

DANIELE HONÓRIO BARROS

REMITOLOGIZANDO O MITO DE LILITH A MULHER/DEMÔNIO NOS CONTOS
LA LUNA E LA NOVIA BLANCA Y LA NOVIA NEGRA, DOS IRMÃOS GRIMM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação em Letras da Universidade
Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência
para obtenção do grau de Licenciada em Letras
habilitação Língua Espanhola.

Aprovada em 09/09/2013.

Rafael Francisco Bráz Nota 10,0
Prof. Esp. Rafael Francisco Bráz / UEPB

Orientador

Marinalva Freire da Silva Nota 10,0
Profª Drª Marinalva Freire da Silva / UEPB

Examinador

GUSTAVO E. CASTELLÓN A. Nota 10,0
Prof. Esp. Gustavo Enrique Castellón Agudelo / UEPB

Examinador

Média 10,0

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso ao professor Rafael Francisco Braz, por orientar-me de maneira atenciosa, sempre com muita paciência e competência.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me capacitar e abençoar nesta caminhada árdua e por presentear-me com o dom de ensinar e sobre tudo o de aprender.

Aos meus Pais, Daniel e Lurdene, porque sem eles eu não existiria.

Aos meus irmãos Daniel, Neto, Emily, por estarem sempre presentes na minha vida.

Aos meus lindos e queridos sobrinhos: Samia, Amanda e João Lucas, pelo simples fato de existirem e por tornarem meus dias mais especiais.

Aos meus amigos e irmãos na fé Henrique, Jacqueline, Elioenai e Rhávila por todo apoio que me deram e por sempre me incentivarem a ir em busca do melhor.

As minhas amigas Mayara, Márcia, Jéssica e Terezinha, por todo carinho e cuidado.

Em especial, ao meu professor e orientador Rafael Francisco Braz, que foi essencial para a realização desse trabalho, sempre prestativo, tirando as minhas dúvidas com humildade e competência.

Às minhas companheiras de Carrera Marcela, Juliana, Miriam e Fabiana, pela amizade e por cada momento compartilhado ao longo desses anos de curso.

Agradeço, também, aos meus professores, futuros colegas de profissão por todo conhecimento transmitido e pela amizade.

Agradeço, enfim, a todos que me ajudaram de alguma maneira, seja ela intelectual, emocional e/ou financeira.

.

"A verdadeira educação consiste em pôr a descoberto ou fazer atualizar o melhor de uma pessoa. Que livro melhor que o livro da humanidade?"

Mahatma Gandhi

REMITOLOGIZANDO O MITO DE LILITH A MULHER/DEMÔNIO NOS CONTOS *LA LUNA E LA NOVIA BLANCA Y LA NOVIA NEGRA, DOS IRMÃOS GRIMM*

BARROS, Daniele Honório

Resumo

Desde início dos tempos, temos a convicções da existência de inúmeras crenças e pela capacidade do homem inventar suas próprias histórias e seus próprios medos e devoções fazendo-se, assim, um mundo desconhecido, o qual se podem encontrar divindades e deidades que possam responder a questões entre o céu e a terra. O mito nasce em meio ao caos da humanidade para que haja uma calma entre os homens que aqui vivem. O mito vem e vai, mas sempre deixam seus rastros de discórdia e de dor, mas acima de tudo um rastro de esperança. É nos mitos que se encontram as grandes derrotas das divindades, mas também, se encontram as grandes vitórias. É através do imaginário mítico que homens transportam toda a esperança de encontrar algo melhor, como também são neles que se encontram toda a desconfiança que o homem carrega consigo. Os seres mitológicos parecem perfeitos e capazes de atrocidades podendo, assim, ajudar os homens em sua própria existência, mas poderá levá-los a recuar em situações que poderia prosseguir por medo dos seus castigos de algo criado por sua mente e que simplesmente, continua desconhecido. O objetivo principal deste artigo científico é analisar o mito da mulher demônio – Lilith – nos contos infantis *La Luna e La novia blanca y la novia negra*, dos irmão Grimm. Para tanto, nossa fundamentação teórica baseia-se em Rocha (1985), Campbell (2002), Larsen(1991) Sicuteri (1985). A análise nos mostrou que Portanto, os mitos, contos ou lendas não importa como os chamem, eles vão ser grande influência nas sociedades por ser uma forte narração e ter um poder incomparável de persuasão nas crianças, o mito tem está capacidade de transformar a mulher em um grande mal da humanidade, escondendo assim o conhecimento e a luta pela sobrevivência independente do homem, pois coloca a inteligência e a esperteza da mulher como uma astucia maligna que as torna invencível e maldosa perante uma sociedade machista. Ao longo dos séculos, a mulher tem transformado este conceito machista de que a mulher é o mal da humanidade, transformando está “astúcia maligna” em uma inteligência e luta admirável até mesmo pelos homens, trazendo a independência da mulher sem se transformar inimiga dos homens.

Palavras-chave: Lilith. mulher demônio. mito. mitologia

1. PALAVRAS INICIAIS

Desde início dos tempos, temos a convicção da existência de inúmeras crenças, denominadas de mitos. Esses mitos surgem da capacidade do homem inventar histórias de um mundo desconhecido, no qual se encontram divindades e deidades capazes de responder questões referentes ao céu e a terra.

Os mitos são narrativas especiais (CAMPBELL, 1990), que nasceram das camadas menos esclarecidas da sociedade. Eles não são permanentes, antes se modificam de acordo com o tempo e o espaço em que foram criados. E é por meio do imaginário mítico, que homens transportam toda a esperança de encontrar algo melhor, como também é nele que se encontra toda a desconfiança que o homem carrega consigo.

Os seres mitológicos parecem perfeitos e são capazes de atrocidades. Eles podem ajudar o homem em sua própria existência, como também podem levá-lo a recuar em situações que poderia prosseguir, uma vez que, o homem possui medo dos possíveis castigos que esses seres mitológicos podem causá-lo.

No conhecimento do senso comum, a palavra mito nos remete a pensar em algo mentiroso ou falso, trazendo o mito como uma lenda ou algo fantasiado pelos homens. Mas, o mito terá inúmeros significados, dependendo da cultura e da época em que foram criados. Todavia, o verdadeiro sentido do mito sempre será um só: a curiosidade a cerca da origem do mundo ou de alguma história que possa trazer uma crença fielmente acrítica formando, assim, um sistema de conhecimento capaz de levar ensinamentos existenciais aos homens.

A narração que envolve o mito é considerada uma extrema fortaleza, pois não se trata de qualquer narrativa. É algo que é narrado como verdadeiro e que perdura por séculos e séculos e, é, pois, nos mitos que os homens se encontram. Ou seja, o mito além de trazer explicações para alguns fenômenos naturais (caso dos gregos antigos), ele também é uma forma do homem dá explicação sobre a sua existência, a sua vida no cosmos, um jeito de transpor seus medos e suas glórias, como se o homem não fosse perfeito, dependesse sempre de algo superior ou divino.

O propósito de relacionar o mito com à vida do homem é esclarecer a existência de um muro que separa o mito da própria mitologia, porém um não vive sem o outro, há um muro, mas há também uma união. No pensamento do mitólogo Campbell (2002), não há mitologia sem mito, ou seja, o homem tem sua crença e sua religião, por isso, precisa dos seus contos e histórias para que haja explicação, algo da mitologia.

Este artigo irá trazer uma riquíssima contribuição para o universo das pesquisas sobre mito e mitologia na literatura infanto-juvenil. Apresentando, assim, o papel da imagem mítica no texto literário ou o que a pós-modernidade chama de remitologização literária, em nosso

caso, observaremos o mito de Lilith nos contos *La luna* e *La novia blanca y la novia negra*, dos irmãos Grimm, percorrendo sobre o papel da mulher nesses textos.

Percebemos, então, nos diferentes contos, o mito de Lilith com o mesmo conteúdo, porém com aprendizagem ora diferente ora semelhantes mudando apenas a cultura, crença e a época em que foi criado tal mito e histórias.

2. O que é mito? Breve definição

Quando nos deparamos com a palavra mito, vem em nossa mente que seria uma mentira e é claro que está é uma resposta que parte do nosso senso comum. Realmente, a palavra mito nos remete a várias vertentes de entendimento tais como; uma lenda; uma mentira, algo inventado para as crianças dormirem; algo realmente falso e, também, como algo extraordinário por último, algo que fez história e que todos conhecem sem, necessariamente, ser um ser sobrenatural.

O mito pode ser encontrado em várias épocas e, como também, em várias culturas com inúmeros significados. Pensar no que é mito, é procurar o início de uma história de algo que as pessoas acreditam, fielmente, sem criticá-las e tirando destas histórias seus conhecimentos e ensinamentos formando, assim uma rede de conhecimento.

A narração que envolve a figura mitológica é muito forte, pois não se trata de qualquer narrativa. É algo que é narrado como verdadeiro e que perdura por séculos e gerações. O mito é um discurso, uma fala como também, foi uma forma que as sociedades encontraram para dar respostas as perguntas, contradições e paradoxos, dúvidas e inquietações. É neles que os homens se encontram, ou seja, o mito além de trazer explicações para alguns fenômenos naturais (caso dos gregos antigos), ele é uma forma do homem da explicação sobre a sua existência a sua vida no cosmos, um jeito de transpor seus medos e suas glórias, como se o homem não fosse perfeito dependesse sempre de algo superior ou divino.

É um pouco mais sucinta quando você pega como objeto de estudo a mitologia grega que está frequentemente inserida em algumas culturas ate mesmo no mercado econômico. Homero precursor da mitologia grega fez história e filosofia durante séculos apenas com está narrativa. Os gregos antigos não acreditavam em nada até Homero sair narrando suas histórias

de deuses, monstros e heróis. Destas narrativas foram criadas duas obras clássicas a *Ilíada* e a *Odisseia*. A primeira, relata uma das maiores guerras que foi a *Guerra de Troia*; a segunda, mostra a jornada de volta para casa de um dos maiores heróis da mitologia que foi *Ulisses (Odisseu)*.

Podemos observar que o mito não é algo fácil de se entender, não é algo que é nítido e além do mais disto é múltiplo de significados. O mitólogo Rocha (1996) nos afirma que “o mito é uma narrativa, uma fala” está, talvez, seja uma noção menos complexa de se entender o mito, mas já pensou as diversas narrativas que envolvem o mito? E para entender os enigmas e os ensinamentos de cada um? Esta é uma tarefa complexa que requer muito estudo e paciência para o verdadeiro significado de um determinado significado mitológico, pois, ainda, na mesma linha de pensamento Rocha (1996) nos mostra que “o que marca o ser humano é justamente sua particularidade de possuir e organizar símbolos que se tornam linguagens articuladas, aptas a produzir qualquer tipo de narrativa”. Por isto, o mito não poderia ser uma narrativa qualquer, pois seria algo de uma fragilidade imensa, não conseguiria sobreviver a tantos séculos se não tivesse certo mistério e sempre algo a ser decifrado, tornando, assim, uma narrativa especial capaz de se distinguir de outras narrativas, tornando, pois uma tradição de teor natural, histórico e filosófico.

Vemos que o mito não é uma mentira em si, porém ele se manifesta sob inúmeras vertentes, ou seja, existem várias especulações a sua definição, daí já surge um problema. “o mito é uma mentira ou não?” Podemos, assim, levantar as seguintes hipóteses apresentadas por Rocha (1996) tais como: “1) o mito está localizado num tempo muito antigo, ‘fabuloso’. Nos tempos da aurora do homem; ou, pelo menos, os homens o colocam nos seus tempos da ‘aurora’, fora da história; 2) O mito não fala diretamente, ele esconde alguma coisa. Guarda uma mensagem cifrada. 3) O mito não é verdadeiro no seu conteúdo manifesto, literal, expresso, dado (ROCHA, 1985) No entanto, possui um valor e, mais do que isto, uma eficácia na vida social.

Os supostos problemas encontrados surgem pela localização do mito em um tempo que até então não é definido não contendo uma data e local certo, o qual aconteceram todos aqueles fatos, quem os viu para relatá-los? Vários críticos utilizam destes pretextos para duvidar da existência dos mitos. Porém, algo indiscutível no mito que é o seu valor e o estímulo forte para que haja um direcionamento do pensamento e o comportamento do ser

humano ao lidar com sua existência, “[...] a própria ideia de verdade é um conceito indiscutível” (ROCHA, 1996).

O segredo de se entender o mito está na sua própria essência e magnitude e no mistério que o envolve, trás a sabedoria em si, ver o mito como regra como mais uma questão a ser respondida sair do sentido do mito é tratá-lo como algo objetivo algo que poderá um dia acabar e, pois o mito não é uma narrativa fútil. O faz do mito algo que se possa respeitar e segui-lo sem criticar e se envolver nele, com emoção sem tentar desvendar o que é o mito, qual sua origem apenas se deleitar nas histórias e sonhos que os mitos nos levam. O segredo está em apenas contemplá-lo para viver o verdadeiro sentido do mito.

O pensamento no mundo atual sobre o mito, ainda, é forte neste aspecto de acreditar que o mito é uma mentira, talvez como foi dito antes pelo distanciamento da época que foi criado o mito ou o distanciamento de uma cultura para outra.

2.1 Mitologia e mito

A também uma confusão do entendimento da própria língua falada por nós como mostra Joseph Campbell (1985) em *Isto és tu redimensionando a metáfora religiosa* onde ele inicia com narrativa de uma entrevista em que o entrevistador demonstrava não saber o que é uma metáfora e que insistia em dizer que mito é uma mentira.

Isso me fez refletir que a metade do mundo pensa que ás metáforas de suas tradições religiosas, por exemplo, são fatos. E a outra metade sustenta que não são, de modo algum, fatos. O resultado é que temos pessoas que se consideram crentes porque aceitam metáforas como fatos, e temos outros indivíduos que se classificam como ateus porque que as metáforas religiosas são mentiras. (CAMPBELL, 1985: 29).

O mau entendimento das palavras e o distanciamento da vivência de uma mitologia fazem com que os mitos se tornem na maior parte das vezes algo que não trás fundamento, algo sem início, como se tivesse sido criado para iludir as pessoas. Esta ilusão parte da ideia de que o homem cria um ser divino para transportar seus problemas e para ter o conforto de uma vida melhor após a morte ou até o consolo de que existe uma força superior capaz de olhar e proteger o homem que em meio a um extenso universo se sente pequeno e frágil. É claro que isto é conceito cético, pois é obvio que em acredita na mitologia seja ela qual for, não tem esta concepção de algo ilusório.

[...] Em termos gerais, a mitologia encontrada na tradição bíblica: a ideia de uma criação benéfica e uma queda subsequente. Em lugar de culpar pela queda subsequente. Em lugar de culpar pela queda um princípio maléfico anterior ao

homem, a tradição bíblica culpa o próprio homem. A obra de redenção restaura a situação e, uma vez concluída esta, acarretará o fim do mundo tal como o conhecemos, isto é, o mundo de conflito e competição, este universo de vida devorando a vida. (CAMPBELL, 1985, 30)

Podemos observar no pensamento de Campbell (1985) que a mitologia surge como algo que desperta nas pessoas um sentimento de medo perante situações em o homem participa, como: exteriorizando, interiorizando ou até mesmo efetuando uma correção. Isto seria um pré-julgamento que a “função essencialmente religiosa da mitologia, ou seja, a função mística, a qual representa a descoberta e reconhecimento da dimensão do mistério do ser” (CAMPBELL, 1985).

A segunda função da mitologia tradicional se resume na interpretação de imagens, a qual se explique a ordem do universo, interagindo com a sociedade, trazendo em tona a ordem cósmica de tudo e de todos. As antigas metáforas nos mostram fatos da criação, pois todas estas mitologias só refletiam as ideias do seu tempo, um exemplo disto é a Bíblia que reflete a cosmologia do terceiro milênio a.C.

A terceira função é o valor moral que da certa ordem na sociedade, e da qual surgiu à mitologia. Esta terceira função serve para reforçar a ordem moral ao longo da história dos fatores geográficos fazendo um molde do homem que vive está determinada mitologia.

Para que haja um bom direcionamento do homem a vários estágios isto fica á mercê da quarta função da mitologia tradicional. Cabe a ela a ajudar os homens a compreender o desdobramento da vida com integridade. Supõe que está integridade que os homens passam vem a partir do nascimento, passando pela sua existência até a morte, criando assim uma harmonia com sua cultura, com o universo e com suas crenças que é onde se concentra todo o mistério das demais.

Portanto, o que se podemos compreender da mitologia que é um conjunto de símbolos envolvidos pela metáfora que se remete ao infinito, dando assim uma confiança e uma certeza que a mitologia surge para o bem comum de uma determinada sociedade.

A mitologia pode ser, assim, compreendida como a religião de outro povo, uma organização de um sistema de significados e imagens que molda a mente e os sentimentos de um sentido de participação dos indivíduos no âmbito de várias mitologias trazendo, pois várias experiências em vários períodos históricos, psicológico e sociológico trazendo a tona uma complexidade que se resume em o ser humano.

2.2 Psicologia e mito

A mitologia e todo o mito que envolve a humanidade, isto mesmo toda a humanidade se torna complexa, justamente, pela está amplitude que toma conta de várias mentes, culturas e crenças. O mito pode ser interpretado de diferentes maneiras tirando dele só o conhecimento que cabe.

Como foi dito antes, existem várias vertentes para a compreensão dos mitos e junto dessas vertentes existem estudiosos que dão suas possíveis respostas, com os psicólogos não é diferente. As análises de alguns mitos ajudaram determinados psicólogos na compreensão dos instintos e ações humanas, Freud e Carl Gustav Jung escreveram várias teorias baseadas neste pensamento e claro que suas interpretações foram baseadas nos mitos, mas para explicar comportamentos de uma sociedade tão distante da origem do mito escolhido pelos tais.

No decorrer dos séculos esses dois grandes psicólogos especializados no comportamento anormal levantaram teorias “[...] os esquecidos mitos de nossa longa história cheia deles, que tinham passado á obscuridade com o iluminismo europeu, encontravam-se agora no espaço subterrâneo da psique.” (LARSEN, 1991: 23).

Freud passou a ver os mitos como ilusões do ser humano, chamando de uma forma mais drástica de deformações neuróticas. Uma invenção dos homens em momentos de medo, confusão da mente, criando, assim, algo em que possa transpor seus medos e suas angustias tendo mais na frente um conforto mental ao saber que alguém ou algo passou por determinada situação e conseguiu sobreviver, ou que serviu de lição para uma experiência, a qual não poderia ser vivida.

Jung vai de contraste com Freud enfatizando que os mitos não são ilusões criadas pelos homens, mas “fontes criativas da personalidade e convidam a humanidade a contemplar a realidade espiritual dentro de nossa própria natureza [...]” (LARSEN, 1991: 24). Esta discussão intelectual que brota das ideias desses psicólogos nos faz lembrar o quanto o mito pode ser inserido no homem ao longo do tempo. De um lado, Freud relacionando o mito com a psique fazendo uma relação do pessoal com o histórico e já Jung para o transpessoal e mitológico criando, assim, ambos uma concepção que a mitologia é algo pessoal e fascinante misturando o antigo com o moderno.

A mitologia se torna peça importante no xadrez da nossa vida, onde o homem deposita todas as suas esperanças, seus medos, anseios, dúvidas, porém não questionáveis. A sociedade sempre foi e, ainda, é um lugar de apoio para o homem, mas também é um lugar onde sua mente se perde a meio a tantas crenças, opiniões e desavenças levando o homem a conflitos existências e externos, principalmente, pois acredita-se que mente e corpo não se separam (PLATÃO: 2002).

2.3 O Mito presente em diferentes mitologias

Hoje o mito perdeu as suas tradições sendo chamadas de lendas e a mitologia continua firmemente, mas não chamada assim e sim de religião. Existem na história contadas pelos pais, professores para as crianças, um teor de mito, porém chamadas de lendas ou contos e a maior parte dessas histórias vieram da Europa de centenas de escritores, dentre os mais famosos temos os irmãos Grimm, que escreveram contos célebres como chapeuzinhos vermelho e a branca de neve e os sete anões, todos seus contos foram baseados em pesquisas elaboradas em povoados existentes em sua época. A maior parte das suas histórias de monstros que conhecemos, atualmente, provém da mitologia antiga, lendas e credices populares. Lembrando que o mito não é uma mentira existe uma história verdadeira em que ele se originou, não sendo exatamente como conhecemos, hoje, porque com o passar do tempo a história incorpora um fato novo e uma nova versão surge.

Na sociedade pós-moderna, vem cada vez mais acontecendo um aumento exarcebado da violência e a distorção de valores humanos – amor, respeito, solidariedade etc. Isto nos leva a refletir a necessidade de repassar os valores para nossas crianças e um ideal seria onde ela passa maior parte de sua vida que é a escola.

Várias iniciativas são elaboradas buscando trabalhar uma cultura de paz nas instituições escolares. Como por exemplo, o Programa Vivendo Valores na Educação (VIVE), que de acordo com Matos, Castro e Nascimento (2008) visa o conhecimento e a exploração de dez valores, dentre eles podemos citar a paz, o respeito, a humildade e a união.

Baseado nisso nada mais gratificante e compensador trabalhar valores nos contos e mitos, pois sua influencia benéfica ajuda na formação da personalidade e um individuo com personalidade de humanização, virtudes e bons valores. Através dos contos as crianças vão trabalhar certos conflitos, buscar soluções e procurar respostas para aquilo que não esta bem.

[...] os fundamentos éticos e espirituais que constituem a consciência humana. [...] tornam a vida algo digno de ser vivido, definem princípios e propósitos valiosos e objetiva fins grandiosos. [...] A sobrevivência do mundo da espécie humana depende da força viva dos valores humanos pautando a nossa conduta. (MARTINELLI, 2009)

Dando ênfase aos irmãos Grimm, que tinha um teor sombrio escondido entre linhas nas suas histórias para a modernidade. O sombrio se torna realidade em, onde não precisa mais o mito ter algo escondido para que a criança mais tarde possa desvendar, mas sim uma nova visão do porque da existência daquele mito. Com um teor de modernidade, hoje em dia,

ler e ter só o livro não é o suficiente, a sétima arte vem para roubar a cena literalmente e os contos e mitos foram traduzidos em imagens para melhor entendimento de suas histórias.

3. Do folclore as recopilações dos Grimm: breve relato de suas vidas

Em Hanau, na Alemanha, nasceram os irmãos Jacob Grimm (1785- 1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859), filhos de Philipp Wilhelm e Dorothea Grimm. Dos 9 filhos que o casal teve somente 6 sobreviveram. A família Grimm seguia a doutrina do Calvinismo, era uma família bastante religiosa. No passado vários parentes foram pastores.

No ano de 1791, seu pai Philipp tornou-se o funcionário em sua cidade natal, *Steinau, em Kinzing*, onde a família passou a viver. Em 1796 o pai deles morreu, deixando a cargo de sua esposa a educação dos filhos, a mãe com o intuito de que o filho mais velho avance em sua carreira jurídica, envia aos filhos para viverem com uma tia chamada Kassel. Jacob estudou direito na universidade de Marburg. Logo, em seguida seu irmão, também, ingressa no curso de direito, ambos seguem os passos do pai.

Eles se tornaram conhecidos em todo o mundo pela grande quantidade de contos populares que recolheram na Alemanha, desde o início do Século XIX.

Os primeiros contos recolhidos pelos irmãos Grimm foram publicados em 1812, na obra “*Histórias das Crianças e do Lar*” que contém 51 contos o que é importante ressaltar que nos contos escritos pelos irmãos Grimm, há sempre uma mensagem moral e a desconstrução do final feliz, que se pode retirar do mundo real para um mundo ficcional.

4. O Mito de Lilith

Lilith nasce com Adão, feitos por Deus do pó, mas o amor dos dois começa a ser perturbado quase imediatamente. Não havia paz entre eles, porque quando eles se uniam na carne, evidentemente, na posição mais natural - a mulher por baixo e o homem por cima, Lilith se mostrava impaciente. Assim, perguntava Adão: “Por que devo deitar-me embaixo de ti? Por que devo abrir-me sob teu corpo?”. Talvez aqui houvesse uma resposta feita de silêncio ou perplexidade por parte do companheiro. Mas, Lilith insiste “por que ser dominada por você? Contudo, eu também fui feita do pó e por isso sou igual”. Ela pede para inverter as posições sexuais para estabelecer uma paridade, uma harmonia que deve significar a igualdade entre os dois corpos e as duas almas (SICUTERI: 1985).

Malgrado esse pedido, ainda úmido de calor súplice, Adão responde com uma recusa seca: Lilith é submetida a ele, ela deve estar simbolicamente sob ele, suportar o seu corpo, com isto existe uma ordem que não é lícito transgredir, ela não aceita esta imposição e se rebela contra Adão quebrando assim equilíbrio. Mas qual é a regra do equilíbrio? “Está escrito: o homem é obrigado à reprodução, a mulher não”. (SICUTERI: 1985). Diante da recusa de Adão, Lilith pronuncia irritada o nome de Deus.

Enquanto isto sucede, Adão é colhido por uma sensação angustiosa de abandono. É a hora em que o sol se põe e estão descendo as primeiras trevas da noite de Sábado. Lilith se afastou. O homem havia posto um não à sua mulher. E vêm as trevas. Adão tem medo, sente que a escuridão o oprime. Sente que todas as coisas boas se estragaram, acorda, olha em torno e não acha Lilith. Adão pensa que a companheira desobedecera mais uma vez seu mandamento. Dirige-se a Deus, como filho que confia na experiência e na autoridade paterna: “Procurei em meu leito aquela que é o amor da minha alma; procurei e não encontrei” (SICUTERI: 1985).

Agora há o desespero, o amargor por haver perdido Lilith. Pergunta ao Pai e o Pai quer saber a causa do litígio e compreende que a mulher desafiou o homem e, portanto o divino. Lilith voou para longe, em direção às margens do Mar Vermelho, depois de haver profanado o nome de Deus Pai, que profere sua ordem: “O desejo da mulher é para o marido: volta para ele”. Lilith não responde com obediência, mas com recusa: “Eu não quero mais ter nada a ver com meu marido”. Deus insiste: “Volta ao desejo, volta a desejar teu marido” (SICUTERI: 1985).

Mas a natureza de Lilith mudou no momento em que blasfemou contra Deus, e não existe mais obediência, então, Jeová-Deus manda em direção ao Mar Vermelho uma formação de Anjos. Eles alcançam Lilith: acham-na nas charnecas desertas do Mar Arábico, onde a tradição hebraica diz que as águas chamam, atraindo como imã, todos os demônios e espíritos malvados. Lilith se transforma: não é mais a companheira de Adão. É o demônio manifesto, está rodeada por todas as criaturas perversas saídas das trevas, está num lugar maldito, onde se produzem espinhos e abrolhos.

Os anjos com a chama e a espada fulgurante gritam a Lilith a ordem de voltar para junto de Adão, pois, se não o fizer, será afogada. Mas Lilith, no fundo, esta amarga. Então os anjos proclamam: “Se desobedeces será a morte para ti” (SICUTERI: 1985). As forças do céu se medem com as forças da terra e das trevas. Há de um lado, ameaça à autoridade celeste, e do outro, a flor venenosa do escárnio e da afronta.

A natureza de Lilith é astuta como a serpente sua sabedoria de demônio é grande, mas

por isso grande também é o seu sofrimento somando conhecimento Lilith soma sofrimento e Lilith se recusa a seguir os três anjos e lhes diz: “Se eu vir os vossos três nomes ou seus semblantes sobre um recém-nascido como um talismã, prometo poupa-lo” (SICUTERI: 1985).

Os anjos de certo modo aceitam de bom grado a má sorte e aceitam pelo menos a concessão parcial de Lilith. Eles voltam ao Éden, mas Deus havia decidido punir Lilith exterminando seus filhos os pequenos demônios são mortos pela mão implacável de Deus. A este cruento extermínio, verdadeira guerra entre o Criador e suas criaturas, se opõe uma vingança de Lilith: ela mesma enfurece seus próprios filhos, ou melhor, ajudada por um outro demônio feminino, segue por todo lugar estrangulando de noite as crianças pequenas nas casas, ou surpreende os homens no sono induzindo-os a mortais abraços.

Assim, é apresentada na tradição hebraica a história de Lilith. Não há conclusão: Lilith permanece na própria liberdade, endemoniada, quem sabe rainha no palácio do Demônio, como seu espírito feminino. Do momento em que declara guerra ao Pai, e o Pai a sujeita ao papel, desencadeia a sua força destrutiva e desde aquele dia não há mais paz para o homem.

4.1 O feminino no mito de Lilith

Desde começo dos tempos, a história nos mostra o papel ocupado pela a mulher na sociedade e até mesmo na vida do homem. A mulher tem ênfase na origem do mundo, nas grandes guerras, nas diferentes crenças e mitologias, em que muitas histórias se unem em um único sentido: A mulher como o mal da humanidade.

A Bíblia traz a história do início do mundo através de uma mulher que será geradora de todos os filhos do mundo e precursora do pecado mortal, está mulher foi Eva; que tem um papel na vida dos mortais como aliciadora da discórdia, como desobedeceu a Deus ao comer o fruto proibido. Todavia, como já apontamos no tópico “O Mito de Lilith”, antes de Eva, já tinha aparecido na história à imagem do pecado e do ódio em forma de mulher que era a Lilith.

Assim, Lilith aparece como uma representante do aspecto rebelde da mulher, quando não usa o feminino para alcançar o que quer, impedindo com isso, encontrar uma satisfação e uma realização. Eva, por outro lado, representa o aspecto vingativo da mulher, quando, também, não consegue direcionar o que quer e acaba submetendo-se a vontade do outro, sem conseguir uma realização.

Esses dois aspectos mostram o desenvolvimento, que ocorre na adolescência, na medida em que ainda não se elaborou o lado da vontade. Na maturidade, a mulher deve assumir o seu

lado feminino, que se expressa através da passividade, que significa sentimento, ou seja, usar a direção do sentido na ação. A partir disso, lidar com as suas vontades, sem precisar se submeter nem se rebelar, podendo dar um sentido para o que quer.

O homem (masculino) no mito de Lilith, que significa ação em relação a sua vontade, também se mostra de maneira imatura. Sua ação é tentar fazer o que quer submetendo ou castigando o outro e o mito sempre traduz a necessidade de integração dos aspectos femininos e masculinos, tanto no homem quanto na mulher, exatamente para existir uma ação ligada a um sentido, ou seja, um equilíbrio. Quando existe a integração, tanto o homem quanto a mulher, podem exercitar a sua vontade sem se sentir ameaçado frente a outro.

5. A imagem arquetípica de Lilith presente nos contos dos Grimm

5.1 La novia blanca y la novia negra (A noiva branca e a noiva negra)

No conto *La novia blanca y la novia negra*, temos a história de três mulheres, a mãe, a filha e a enteada. Em um certo local, Deus se faz de pobre e as interroga sobre como chegar a um povoado. A mãe e a filha o ignoram, mas a enteada ajuda Deus a chegar ao seu destino. Feliz com sua atitude, ele realiza três desejos de moça: ser branca, rica e eterna. Este último é a prova do que afirma Larsen (1991: 21) “*os mitos parecem ser nossas janelas para a eternidade*”. Antes disso, Deus zangado com a atitude arrogância de mãe e da filha, já as tinha castigado: passaram a ser negras como a noite e feias como o pecado. Quando estas viram a beleza da enteada, quiseram vingá-se.

A moça, que ficara bonita, tinha um irmão amado (Regino) que servia ao rei. Este tinha perdido sua esposa, e acabou vendo o quadro que seu servo havia feito de sua querida irmã, onde se apaixonou por ela, e assim mandou chamá-la. A caminho do palácio, a mãe, com suas bruxarias, torna a noiva branca meio surda e seu irmão meio cego, de forma que não podiam se entender. Aproveitando o ensejo, a mãe e a filha se vingam e jogam a enteada fora do carro, e ela cai na água e se transforma num pato. Veste-se, então, a filha negra, como noiva, se apresenta diante do rei e o assusta com sua feiúra. Ele, irritado, lança Regino em uma fossa cheia de víboras e cobras.

Novamente, por meio de bruxarias, a mãe consegue cegar aos poucos ao rei, que logo se casa com sua filha. Porém, o pato (a enteada) visita por três vezes perguntando a um servo do rei sobre o sumiço do seu irmão e sobre a noiva negra. Não suportando a terceira vez, o servo foi contar ao rei o que lhe passara. Ao ver o pato, o rei o degola e ao mesmo tempo reaparece a noiva branca, a mesma do quadro do seu irmão, quem lhe conta como a

enganaram e lhe jogaram ao rio. No fim, o rei pune, severamente, a mãe e a filha, traz de volta Regino e o presenteia com riquezas e fama, e se casa com a noiva branca.

Neste conto, a astúcia de Lilith se apresenta claramente nas duas personagens; a primeira na mãe e na segunda a filha. As duas se vêem inconformadas com seu estado, tinham o sentimento de ódio, de maldade, de quererem vinga-se da noiva branca: “*La maldad crecio em su corazon y no pensaba mas que em ver como podia hacerle daño*” (GRIMM & GRIMM, 1986:71). Reparamos, ainda, dois aspectos que ambas tomaram com o castigo de Deus: negras como à noite e feias como o pecado.

Lilith tinha uma íntima relação com à noite, com as trevas, pois foi neste período que ela se rebelou com Adão e fugiu. Logo, a cor negra reflete, além do tom da pele, seus traços internos maléficis, malignos e diabólicos. Também se destaca na mãe e filha a feiura do pecado que passaram a comportar. O pecado delas foi o de ignorarem um favor que lhes pedia um homem pobre, representado por Deus.

Vemos que o pecado, metaforicamente, é feio por ser algo que denigre ao Criador. De outra forma, Lilith também cometeu uma transgressão, por se rebelar contra o seu marido – querer ser como ele e não aceita-lo como superior na relação conjugal e sexual: “*A mulher não aceita esta imposição e se rebela contra Adão. È a ruptura do equilibrio*” (SICUTERI, 1985:35).

O rei, que tinha perdido uma mulher, deseja outra e isso nos faz lembrar a Adão, que tinha uma esposa, Lilith, mas que a mesma sumiu, e queria outra. A diferença é que o rei desejou uma mulher que se parecesse com a antiga, mas Adão se alegrou muito em receber uma diferente da primeira.

Todavia, o que nos remete ao mito de Lilith é, exatamente, a personalidade da mãe e da filha: as duas não hesitaram em transgredir contra Deus, eram inconformadas com o atual estado (negras e feias), tinham ódio em seu coração, e o sentimento em ambas de vingança.

A astúcia de Lilith se nota, principalmente, na mãe, se vemos suas bruxarias com sutileza de palavras e poder de sedução: “*La vieja bruja supo cautivar al réu, y mediante SUS mañas, cegar de tal manera sus ojos, que terminó cortejando a su hija y, pareciéndole soportable, al final se caso com Ella*” (GRIMM & GRIMM, 1986, p. 73).

5.2 La Luana (A Lua)

No conto *La Luna*, nos deparamos com a história da lua, como esta chegou ao céu. Em tal país não havia luz, a não ser a das lanternas, nenhuma estrela brilhava ante as trevas. Certo dia, chegando a outro reino, quatro jovens percebem a existência de uma bola que dava luz em cima de uma árvore. Perguntaram, então, a um camponês que passava perto o

que era aquilo, e souberam por primeira vez sobre a lua, a qual comprou o prefeito da cidade para iluminar sua terra, em troca de um dinheiro por semana.

Os jovens gostaram muito de saber de tudo isso, e decidiram roubar aquela lua e trazer para seu país e, assim, fizeram colocando da mesma forma em cima de uma árvore, e todas as pessoas se alegraram com aquela luz.

A lua era cuidada pelos quatro, com azeite, mas os mesmos ficaram velhos, e cada um pediu que um quarto da lua fosse depositado no seu caixão quando morresse. O prefeito atendeu ao pedido de todos e a região voltou à escuridão, e ao domínio das trevas. No entanto, descendo com eles as partes da lua ao mundo subterrâneo, se fundem as quatro partes, onde a luz impera sobre a escuridão do mundo dos mortos, os quais ressuscitam e se alegram com aquele esplendor, e voltam a viver como viviam antes, porém, com uma alegria esplendorosa, de forma que o barulho das festas chega ao céu. São Pedro imaginou que o mundo subterrâneo estava ensoberbecido e que os ressuscitados se rebelariam com a comunidade dos santos, e convocou os exércitos celestiais para que os vigiassem. Logo, Pedro desce as partes subterrâneas da terra, coloca os mortos de volta em suas sepulturas, toma a lua deles e suspende no céu.

O mito de Lilith se apresenta neste conto como sendo na representação da lua. Observamos, ainda, o envolvimento da lua com a noite, que são as trevas, e Lilith é considerada a Lua Negra. Seu nome deriva do hebreu *Lil* que significa noite (apelidada por isso de demônio da noite). Da mesma forma que a primeira mulher de Adão, Lilith, tem o poder de sedução, representado pela saliva e sangue: “*A primeira companheira foi Lilith, cheia de sangue e saliva*” (SICUTERI, 1985: 27), assim, também, a lua tem este poder de persuadir, só que através de sua beleza de refletir a luz.

Adão foi o primeiro homem a ser engodado por conhecer pela primeira vez o sangue e a saliva feminina; no conto, em análise, os quatro jovens são também ludibriados por conhecerem pela primeira vez a luz da lua.

Este conto, também, ressalta a supremacia masculina ante o poder feminino, ou seja, nos deparamos com a lua que dá pouco brilho, muito menos que o sol, isto é, o sol, que representa a força masculina, atua com mais veemência – clareia boa parte da terra, causa calor, etc.: “*Se podia ver y diferenciar todo aunque no era tan brillante como la luz Del sol*” (GRIMM & GRIMM, 1986, p. 167) No mito de Lilith, ela se rejeita a dar esse pouco brilho, pois ela quer ser como Adão, quer ter o mesmo poder, brilho e esplendor do sol.

É notável, também, o mito de Lilith neste conto, no momento em que todos do país dos quatro jovens já estão domados pela lua, e se alegram com sua glória: o seu brilho no

meio da noite. As pessoas festejam, dançam, e logo, da mesma forma, os mortos do mundo subterrâneo, de forma que o ruído desta alegria chega a incomodar o céu, onde Pedro vê que tem que se preparar para uma suposta rebelião dos amantes da lua.

Esta mesma rebelião nos vemos no mito de Lilith, quando está isolada no Mar Vermelho com milhares de demônios rendidos à sua majestade, e que Pedro resolve a situação, tirando a lua do poder da morte e colocando, por fim, no céu: “ *Entonces calmo a los muertos, los hizo meterse em SUS tumbas, se llevó la luna y la colgó em El cielo*” (GRIMM & GRIMM, 1986: 168). No entanto, no mito de Lilith, não enxergamos um mesmo epílogo, senão uma mulher rebelde, cheia de cólera e rodeada de diabos, que continua na terra guerra interminável com Deus, e atormentando a vida dos seres humanos, Assim é representada na traição hebraica a história de Lilith. Não há uma conclusão: Lilith permanece na própria liberdade, endemoniada, quem sabe rainha no palácio do Demônio, como seu espírito feminino. Do momento em que declara guerra ao Pai, e o Pai a sujeita ao papel, desencadeia a sua força destrutiva e desde aquele dia não há mais paz para o homem. (SICUTERI, 1985: 40)

6. Palavras Finais

O rico conhecimento que está em volta do entendimento do mito fez nos remeter a uma conclusão parcial, onde um mesmo conteúdo tem várias interpretações. As diversas análises feitas tanto nos mitos quanto nos contos infantis nos leva a perceber que a ponto negativo e forte no papel da mulher e no desenvolvimento da humanidade.

Como dito antes, o mito é uma narrativa e nos tempos modernos eles são considerados como mentira, porém fazendo uma análise prévia do preconceito que gira em torno do papel da mulher na sociedade, o mito se encaixa direitinho para entender e analisar melhor este fato.

O mito traz em consigo, respostas para a repetição de erros ocorridos contra a mulher. Lilith por mais feroz e astuciosa que pareça no mito é tão vítima quanto o homem. O simples fato de dizer “não” a um homem se torna o principal motivo de discórdia e raiva.

Portanto, os mitos, contos ou lendas não importa como os chamem, são de grande influência nas sociedades por ser uma forte narração e ter um poder incomparável de persuasão nas crianças, o mito tem esta capacidade de transformar a mulher em um grande mal da humanidade, escondendo assim o conhecimento e a luta pela sobrevivência independente do homem, pois coloca a inteligência e a esperteza da mulher como uma astúcia maligna que as torna invencível e maldosa perante uma sociedade machista.

Ao longo dos séculos, a mulher tem transformado este conceito machista de que a mulher é o mal da humanidade, transformando esta “astucia maligna” em uma inteligência e luta admirável até mesmo pelos homens, trazendo a independência da mulher sem se transformar inimiga dos homens.

Resumen

Desde el inicio de los tiempos, tenemos la convicción de la existencia de innumerables creencias y por la capacidad del hombre de inventar sus propias historias y sus propios miedos y devociones haciendo, así, un mundo desconocido, en el cual se pueden encontrar divinidades y deidades que puedan responder las cuestiones entre el cielo y la tierra. El mito nace en medio al caos de la humanidad para que haya calma entre los hombres que aquí viven. El mito viene y va, siempre deja sus rastros de discordia y de dolor, pero encima de todo un rastro de esperanza. Es en los mitos donde se encuentra las grandes derrotas de las divinidades, pero también, se encuentran las grandes victorias. Es a través de la imaginación mítica que los hombres transportan toda la esperanza de encontrar algo mejor, como también es en ella que se encuentra toda la desconfianza que el hombre lleva consigo. Los seres mitológicos parecen perfectos y capaces de atrocidades pudiendo, así, ayudar a los hombres en su propia existencia, pero podrá llevarlos a rectar en situaciones que podría proseguir por miedo de castigos, de algo creado por su mente y que simplemente, continúa desconocida. El objetivo principal de este artículo científico es analizar el mito de la mujer demonio – Lilith – en los cuentos infantiles La Luna y La Novia Blanca y la Novia Negra de los hermanos Grimm. Para tales, nuestra fundamentación teórica es basada en Rocha (1985), Campbell (2002), Larsen (1991) Sicuteri (1985). El análisis nos mostró que los mitos, cuentos o leyendas, no importan como los llaman, ellos serán de gran influencia en las sociedades por ser una fuerte narración y tener un poder incomparable de persuasión en los niños, el mito tiene la capacidad de transformar a la mujer en un gran mal de la humanidad ocultando así el conocimiento de la lucha por la sobrevivencia independiente del hombre, pues pone la inteligencia y la esperanza de la mujer como una astucia maligna que las torna invencible y desagradable delante de la sociedad machista. A lo largo de los siglos, la mujer tiene formado este concepto machista de que es el mal de la humanidad, transformando esta “astucia maligna” en una inteligencia y lucha admirada hasta por los hombres, trayendo la independencia de la mujer sin transformarse en enemiga de los hombres.

Palabras-clave: Lilith. mujer demonio. mito. mitología.

7. Referências Bibliográficas

- CAMPBELL, Joseph. *Metafora e mistério religioso – o significado do mito*. In: Isto é Mito. São Paulo: Landy Livraria, 2002
- _____. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990
- LARSEN, Stephen. *Imaginação mítica: a busca de significado através da mitologia pessoal*. Rio de Janeiro: Campus, 1991.
- PLATÃO, A República. Trad. Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 2004
- ROCHA, Everaldo. *O que é mito*. São Paulo: Brasiliense, 1985
- SICUTERI, Roberto. *Lilith: a lua negra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985
- GRIMM, Jacob y Wilhelm. *Cuentos de niño y de hogar*. Madrid: Ediciones generales Anayar, 1986.